A ESTRUTURA DESMONTADA⁷¹

Giselda Medeiros

O Governo do Estado do Ceará e a Secretaria de Cultura, em parceria com as Edições UFC, redimensionando sua política de renovação do patrimônio cultural do nosso estado, vêm de publicar, através da Coleção Nossa Cultura, série Luz do Ceará, a 2ª edição de ***A Estrutura Desmontada***, ensaio crítico do acadêmico F. S. Nascimento.

Essa atitude incomensuravelmente louvável da política de nossos governantes iça-nos a esperança de que há uma luz a brilhar no túnel da editoração pública cearense. E que, nós, os escritores, já podemos vislumbrar dias férteis para as nossas criações literárias.

Atitudes tais do Governador Cid Ferreira Gomes e de seu Secretário de Cultura Auto Filho merecem nosso aplauso e o reconhecimento do público leitor.

SENHORAS E SENHORES

Prezado amigo F. S. Nascimento

Apresentar ***A Estrutura Desmontada***, em sua segunda edição, é para mim tarefa honrosa, ao mesmo tempo que difícil. Ter sido meu nome escolhido pelo autor para esta incumbência envaideceu-me. No entanto, o como atingir às expectativas causou-me assombro, porquanto sou apenas uma discípula de Érato e Polímnia. Desse modo, querido escritor, somos dois mundos paralelos: eu persigo ilusões que se perdem ou se modificam na voracidade do tempo, como incansável semeadora de sonhos, que teima em desenhar esperanças nas alvas fímbrias de cada manhã. E vós, caro escritor, avivais cores e luzes que não morrem, porque eternizadas sob o vosso cinzel de crítico consagrado. Ambos nos ligamos por caminhos distintos ao nosso fazer

71 Texto de apresentação do livro *A Estrutura Desmontada* (2ª edição), do Acadêmico F. S. Nascimento, no Centro Cultural OBOÉ.

literário. Contudo, não deixamos de ser autênticos, pois “nenhuma beleza esgota a múltipla fecundidade da arte”.

Diante disso, é que me encorajei e aqui vim para falar-vos com o coração, com a alma genuflexa diante de dois nomes notáveis: Durval Aires, autor das novelas “Barra da Solidão” e “Os Amigos do Governador”; e F. S. Nascimento, autor de “A Estrutura Desmontada”.

O crítico mineiro Fábio Lucas, em se reportando à 1ª edição de “A Estrutura Desmontada”, assim se pronunciou: “O que pretendeu F. S. Nascimento com essa obra foi proceder a uma organizada investigação intrínseca de duas ‘novelas-reportagens’, de Durval Aires, *Os Amigos do Governador* e *Barra da Solidão*, procurando iluminá-las de todos os lados, no encaixe dum modelo crítico integral. Tanto quanto possível, isentou-se de juízos de valor, principalmente de juízos prévios que maculam o pronunciamento crítico de subjetivismo e arbítrio”.

Realmente, F. S. Nascimento, com a destreza da palavra e a segurança nos raciocínios, começa a virar e a revirar as estruturas narrativas das novelas citadas, desmontando-lhes as partes como se fossem pedras de um genial quebra-cabeça para oferecê-las ao leitor, a quem caberá a função, quase lúdica, de reconstituição do todo.

E, assim, o autor delinea o seu trabalho: “[...] começamos por questionar o problema do enredo, argumento ou assunto, daí evoluindo, ingressivamente, até chegar aos enfoques da unidade vocabular, da estrutura verbal e das peculiaridades estilísticas, estágios em que, sob o ponto de vista formal, repousa a individualidade da criação literária”.

Desse modo, na introdução do ensaio, o autor, fundamentado em extensa lista de críticos nacionais e internacionais, constrói uma inovada avaliação estética da obra de Durval Aires, com alentado depoimento teórico acerca da essência da narrativa, sempre se assenhoreando de que “criticar é rasgar novos horizontes de compreensão”.

As atitudes das personagens, bem como seu padrão, aspirações, visão de mundo, tudo é submetido a profundo estudo, visando-se vislumbrar o controvertido interior da criatura humana, na pele de personagens que se chocam e se entrelaçam no universo imaginativo da

ficção de Durval Aires. Também as mutações temporais são meticulo-
samente examinadas pelo crítico, sob uma técnica incomum e ousada
em sua execução estrutural.

O instrumental linguístico, o poder gradativo das perífrases, as
peculiaridades da sintaxe fracionada, a estrutura rítmica da frase e
o diálogo compõem as partes finais do estudo de F. S. Nascimento.
Ressaltem-se a polidez do crítico, o cuidado com a linguagem, uma
vez que o crítico deve buscar atingir a alma do livro com responsabili-
dade, com a convicção de que deve ser franco, sem cometer injustiças,
nem cair no falso caminho da bajulação. Vejamos o que diz Machado
de Assis a esse respeito: “[...] eis o melhor meio de convencer, não há
outro que seja tão eficaz. Se a delicadeza das maneiras é um dever de
todo homem que vive entre homens, com mais razão é um dever do
crítico, e o crítico deve ser delicado por excelência. Como a sua obri-
gação é dizer a verdade, e dizê-la ao que há de mais suscetível neste
mundo, que é a vaidade dos escritores, cumpre-lhe, a ele sobretudo,
não esquecer nunca esse dever. De outro modo, o crítico passará o
limite da discussão literária, para cair no terreno das questões pessoais
[...]”. O ensaísta e ficcionista mineiro Rui Mourão, também, adverte:
“A obra é uma estrutura objetiva, uma entidade que se classifica entre
os viventes de natureza literária e, para sua compreensão, só devemos
partir de um ponto de vista lingüístico, estilístico e literário”.

Ao concluir seu ensaio crítico, F. S. Nascimento enfatiza com pro-
priedade: “O que norteou a presente análise foi, sobretudo, o pro-
pósito de verificar a funcionalidade do mundo novelístico de Durval
Aires, identificar-lhe as peças determinadoras de seu equilíbrio inter-
no e desvendar-lhe as particularidades mais íntimas de sua realidade
construída de formas simbólicas”.

SENHORAS e SENHORES

F. S. Nascimento, esse homem simples, porque simples e bela é
toda obra maior da natureza, nasceu em Pernambuco. Ao vir para o

Ceará, radicou-se em Crato, onde estudou e diplomou-se. Fez parte do Grêmio Literário e Cívico José de Alencar, época em que se iniciou nas lides jornalísticas. No periódico *A Classe*, do qual foi redator-secretário, passou a editar seus artigos, sonetos em decassílabos e até poemas em versos livres.

Em 1953, juntamente com Florival Matos, lançou a revista *A Província*, prestando, desse modo, sua homenagem à cidade do Crato, que comemorava, naquela data, seu primeiro centenário. Transferindo-se para Fortaleza, deu prosseguimento às lides de redator, publicando no jornal *O Povo* artigos e reportagens de cunho literário. Foi Diretor da Imprensa Universitária e da Divisão de Intercâmbio Cultural.

Com a publicação, em 1972, de *A Estrutura Desmontada*, que alcançou grande repercussão no meio cultural de Fortaleza, obteve a indicação de seu nome para a Academia Cearense de Letras, cuja eleição se deu em 1973, passando a ocupar a cadeira número 38.

Figura de distinção nacional como um dos mais importantes críticos literários do Ceará, F. S. Nascimento publicou: *A Estrutura Desmontada* – 1ª edição - (1972); *Três Momentos da Ficção Menor* (1981); *O Quadrilátero da Seca* (1988); *Apologia de Augusto dos Anjos e Outros Estudos* (1990); *Teoria da Versificação Moderna* (1995); *Praibas do Cauípe e Clã Bezerra de Menezes* (1997); *História Política de Juazeiro e Crato: Lampejos Políticos e Culturais* (1998); *Mártires da Religiosidade Popular* (2000); *Fundamentos do Nordeste Agrário* (2003); *Diretrizes da Linguagem Poética* (2005) e, agora, a segunda edição de *A Estrutura Desmontada*.

SENHORAS E SENHORES

O filósofo alemão Karl Jaspers, ao iniciar uma homenagem a Max Weber, assim se manifestou: “A maneira de honrar a um grande homem está em apropriar-se de sua obra e tentar trabalhar em suas idéias para prosseguir a realização, que ele tornou possível, de cada uma de suas distintas partes”.

Seguindo o raciocínio do conceituado filósofo, senhoras e senhores, tenho a satisfação de vos dizer: eis aqui um grande homem – F. S. Nascimento – a quem honramos. Eis aqui sua obra, merecedora de nossa reverência e de nosso aplauso!